

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº593

De 1 de Julho a
16 de Julho de 2020
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



10 DE JULHO É DIA NACIONAL DE LUTAS

FORA BOLSONARO e MOURÃO

PELA VIDA, POR EMPREGO, RENDA E LIBERDADES DEMOCRÁTICAS E PELO FIM DO RACISMO,
QUARENTENA GERAL PRA VALER JÁ!

**COVID 19 - PANDEMIA DESCONTROLADA
MAIS DE 60 MIL MORTES
NÃO É NORMAL**



PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE >  DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

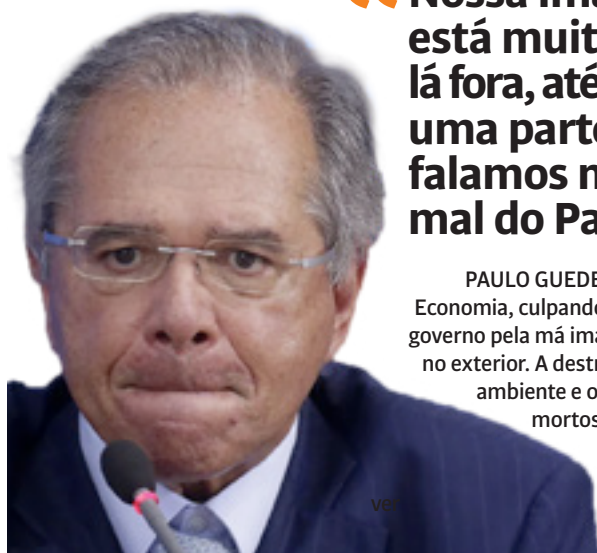
páginadois

CHARGE



Falou Besteira

Nossa imagem está muito ruim lá fora, até mesmo uma parte de nós falamos muito mal do País



PAULO GUEDES, ministro da Economia, culpando os críticos do governo pela má imagem do Brasil no exterior. A destruição do meio ambiente e os quase 60 mil mortos da pandemia, para ele, não têm a nada com isso.



Decotelli, o breve

A passagem meteórica e vexatória de Carlos Decotelli pelo ministério da Educação mostrou bem o tipo de gente que faz parte desse governo. Após a demissão do não menos vergonhoso Abraham Weintraub, o ex-presidente do Fundo Nacional pelo Desenvolvimento da Educação (FNDE), que conta com um orçamento bilionário, foi alçado ao ministério com uma promessa de ser um nome técnico, indicado pela ala militar do governo.

Tão logo foi anunciada a escolha, revelou-se o amontoado de mentiras que forma o currículo de Decotelli. Descobriu-se que, ao contrário do que dizia seu perfil divulgado pelos canais oficiais do governo, ele não tinha doutorado

pela Universidade de Rosário, na Argentina. O próprio reitor da instituição fez questão de dizer. Depois, revelou-se que seu mestrado tinha partes inteiras plagiadas. Uma universidade alemã também informou que ele não tinha curso de pós-doutorado pela instituição como também estava em seu currículo.

A coisa só piorou. A Fundação Getúlio Vargas (FGV) desmentiu que Decotelli tivesse sido professor da instituição como ele dizia. Para finalizar, ao contrário do que também espalhava, não era oficial da reserva da Marinha, mas reserva de segunda classe (não passou por escolas de formação de oficiais), prestou serviço temporário e passou à reserva



sem remuneração.

Curriculum acadêmico não significa nada. O ministério da Educação passou por muita gente “gabaritada” que usou seus títulos e autoridade na academia para destruir a educação pública. Mas o exemplo mostra que esse pessoal mente de forma descarada, como também fizeram, é sempre bom lembrar, os ainda ministros Ricardo Salles e Damarens.

Nem o cachorro escapa

Parte da roupagem “Bolsonaro paz e amor” para enganar os incautos, o Planalto divulgou o novo cachorrinho de estimação que teria sido adotado pela família do presidente. O cão, da raça pastor-maremano teria sido encontrado no jardim do Planalto e foi batizado de Au-

gusto Bolsonaro (uma homenagem ao general Augusto Heleno?). Ganhou perfil nas redes sociais e milhares de seguidores. Só tinha um problema: o animal já tinha dono. Seu verdadeiro nome é Zeus e vivia numa chácara das redondezas. “Pensei que lá no Palácio ele teria uma vida de

rei, com tudo do bom e do melhor. Mas cachorro não liga para isso. E longe de lá ele não corre o risco de ser contaminado por essa família de milícia”, afirmou a verdadeira dona do cachorrinho à Folha de S.Paulo. Nas redes sociais, o tema virou piada, com a hashtag #BolsonaroLadrãodeCachorro

Gilmar Mendes manda suspender ações trabalhistas



Em plena pandemia, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes, tomou uma decisão simplesmente inacreditável: mandou suspender as ações trabalhistas que envolvem correção monetária. Com isso, ações sobre horas extras, férias, FGTS e 13º salário ficarão paradas. A decisão paralisa a Justiça do Trabalho.

Só no Tribunal Superior do Trabalho (TST), há 26,5 mil ações, de um total de 301 mil pendentes de julgamento, que tratam especificamente de correção monetária. Isso mostra que, apesar da briga entre o STF e o governo Bolsonaro, quando se trata de arrancar o couro dos trabalhadores, eles são iguizinhos.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Fabrício Last e Victor “Bud”

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opinio@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Vamos à luta!

O mês começou com o breque dos aplicativos. Reconhecendo-se como trabalhadores, os entregadores dos apps foram à greve lutar contra as grandes empresas do setor. Os metroviários de São Paulo também prometem greve contra corte de salário e retirada de direitos. E dia 10 de julho é dia nacional de luta contra o governo Bolsonaro.

PIANINHO ATÉ QUANDO?

Na última semana de junho, Bolsonaro, após tantas ameaças de golpe, baixou o tom. É que acharam o Queiroz na casa de seu advogado. Nas cordas, seu governo ficou pianinho, prometendo ao STF e à maioria da classe dominante ser um governo tutelado ou controlado.

Ninguém sabe quanto tempo dura a hipocrisia. Mas a maioria da classe dominante, que não está a favor de um golpe hoje e, assim como o Congresso Nacional e o STF, quer que esse governo continue passando a boiada nos direitos. Então pressionam por um Bolsonaro controlado. Portanto, se depender só das brigas entre os de cima, todos os escândalos desse governo podem acabar em pizza.

MENTIRAS E MAIS MENTIRAS

Na crise, a primeira coisa a sumir é a verdade. Começa pelos números da pandemia. O governo falsifica os dados de forma declarada, mas os outros (governadores, prefeitos, imprensa) também mentem. A subnotificação é enorme. Mesmo assim, querem que achemos normal 60 mil mortes! No ritmo de mais de 1,4 mil mortes por dia, passaremos dos 100 mil mortos em um mês.

A pandemia está completamente descontrolada. Estão nos mandando para o mata-douro ao obrigar todos a trabalhar para que os capitalistas lucrem. Ainda culpam o povo “que não fica em casa”.

A BRUTALIDADE DO DESEMPREGO

O desemprego explodiu no último período e é bem maior que os 12,9% do IBGE. A população ocupada despencou 7,8

milhões, e 2,5 milhões deixaram de ter carteira assinada. Menos da metade das pessoas em idade para trabalhar está no mercado de trabalho.

O governo poderia ter evitado essa tragédia decretando estabilidade no emprego e proibindo demissões, ajudando o pequeno negócio ao mesmo tempo. Mas fez o contrário: deu sinal verde para a redução de salários e as demissões. E nada ainda para o pequeno negócio, só medidas que favorecem bancos, grandes empresas e cúpulas militares.

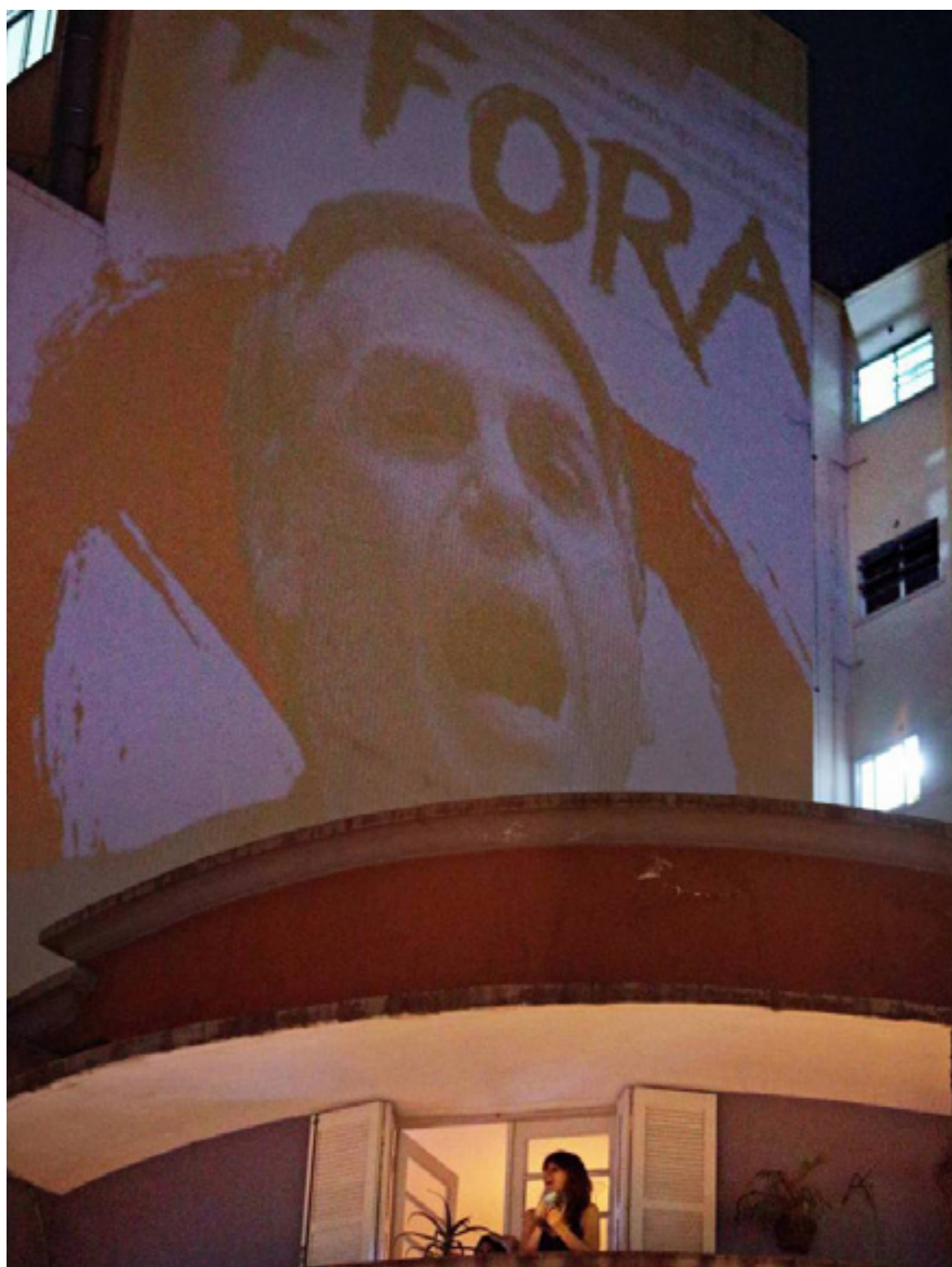
A SACANAGEM DO GOVERNO COM OS R\$ 600

Como se não bastasse os R\$ 600, absolutamente insuficientes e que não chegam a todos que precisam, a humilhação continua. Depois das filas e aglomerações na Caixa Econômica Federal e de milhões que têm direito não receberem (e alguns milhares de corruptos amigos do governo fraudarem o auxílio), os que estão recebendo não recebem numa data fixa ou correta. Muitos que tiveram os R\$ 600 depositados na conta pelo aplicativo só poderão mexer no dinheiro em 26 de julho.

Agora, novamente a oposição parlamentar canta vitória dizendo que vai estender os R\$ 600 por mais dois meses, sendo que tem aí uma nova pegadinha do governo, que quer pagar em parcelas de R\$ 300, que é para quanto ele quer diminuir o auxílio. Porém não demora quando se trata de aumentar em R\$ 1.600 os salários de R\$ 50 mil da cúpula das Forças Armadas.

10 DE JULHO: FORA BOLSONARO E MOURÃO

É tarefa de todo ativista construir um forte dia 10 de julho, com mobilização de norte a sul do país, com assembleias nos locais de trabalho, atraso de entrada e paralisação onde for possível (leia na página 7). É dia de todo mundo sair com adesivo ou fita preta e pendurar pano preto na janela. Vamos colocar a imaginação para funcionar e organizar também nossos protestos nas ocupações, na periferia, e terminar o dia com um megapanelação.



UNIDADE PARA LUTAR E ALTERNATIVA SOCIALISTA

Toda unidade de ação deve ser feita para lutar, derrotar e botar para fora esse governo. Da mesma maneira, seria muito progressiva uma frente única para lutar em defesa dos nossos direitos contra os ataques da patronal, dos capitalistas, dos governos, do Congresso etc.

Contudo, não há nada de progressivo, e é mesmo reacionário, fazer frentes com a burguesia para manter a ordem e entregar direitos. É esse o sentido do ato “Direitos Já”, que reuniu da deputada do PSOL-

-MES, Fernanda Melchionna, a Fernando Haddad e nomes expressivos do PT, além de FHC, PSDB etc. Apresentando-se em “defesa da democracia” é na verdade parte da política da burguesia para controlar Bolsonaro e um esforço de unidade nacional para jogar todo o peso da crise nas costas da classe trabalhadora e entregar o país.

São igualmente reacionárias outras propostas de frente amplas eleitorais de colaboração de classes, com um projeto de retomar o programa que o PT pôs em prática nos 14 que ficou no poder e nem sequer o

saneamento básico conseguiu garantir à população.

A classe trabalhadora precisa construir uma alternativa socialista e revolucionária em direção a um governo socialista dos trabalhadores, que governe em conselhos populares; que rompa com o capitalismo para garantir pleno emprego, vida digna para todas e todos, botando um fim em toda exploração e em toda opressão contra negras e negros, indígenas, mulheres, LGBTs, imigrantes etc.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BITLY.COM/9QJDJ](https://bit.ly/9QJDJ)

GOTA D'ÁGUA

Governo e Congresso querem privatizar a água



DA REDAÇÃO

Enquanto o país de aproximadamente 60 mil mortes pela COVID-19, o Senado aprovou uma medida que privatiza a água no país. O chamado novo marco regulatório do saneamento básico (PL 4162/2019) foi aprovado por 65 votos contra 13.

Como o projeto do governo Bolsonaro já havia sido aprovado na Câmara, ele vai agora para a sanção do presidente. Sua aprovação foi articulada entre o ministro da Economia, Paulo Guedes, e o relator Tasso Jereissati (PSDB-CE), votado a toque de caixa e com apoio de um largo espectro que vai da mais fiel base bolsonarista até o senador Cid

Gomes (PDT-CE), além dos aplausos da grande imprensa.

O relator Tasso Jereissati é sócio da Coca-Cola no Brasil. A empresa tem interesse direto na privatização da água no Brasil e corre junto com outros grupos internacionais, como a suíça Nestlé, a canadense Brookfield e a estadunidense Aegea.

O tal novo marco está sendo vendido como uma solução para a universalização do saneamento básico. De repente, até os mais liberais descobriram a existência de pobres e miseráveis sem acesso à água e esgoto, e os números constrangedores do tratamento do saneamento básico no país. Além de universalizar o setor, sem aumentar a tarifa, a privatização, segundo seus defensores,



ainda aumentaria os empregos em mais de 1 milhão.

A concorrência do setor privado, segundo os defensores do projeto, seria responsável por levar saneamento a mais de 100 milhões de brasileiros, além de 35 milhões que hoje sequer contam com água potável.

É evidente que toda essa história não passa de mentira para favorecer um punhado de empresas estrangeiras que vai transformar a água, que deveria ser um bem comum a todos, em mercadoria. Ao contrário do que dizem, a privatização do serviço de

saneamento pode impedir o acesso aos serviços por uma parte da população, uma vez que o setor privado só vai investir naquilo que lhe proporcione lucros.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BITLY.COM/A3MC8](https://bit.ly.com/a3mc8)

RETRATO DO SANEAMENTO NO BRASIL



83,6%

da população brasileira têm acesso a serviços de abastecimento de água.



47%

da população não têm coleta de esgoto.



10,49%

da população do Norte têm acesso a esgoto.



28,01%

dos nordestinos têm atendimento de esgotos.



5.622

piscinas olímpicas de esgoto não tratado foram lançadas na natureza em 2017.

Fonte: www.tratabrasil.org.br

MUNICÍPIO

ESTADO

IN056 - POPULAÇÃO COM COLETA DE ESGOTO (%)

Caucaia

CE

28,34%

Aparecida de Goiânia

GO

23,83%

Rio Branco

AC

20,49%

Jabotão dos Guararapes

PE

19,22%

Belém

PA

13,56%

Manaus

AM

12,43%

Macapá

AP

11,13%

Porto Velho

RO

4,76%

Santarém

PA

4,19%

Ananindeua

PA

2,05%

SAIBA MAIS

O que diz o projeto

Obra os municípios a privatizar o saneamento – O projeto aprovado pelo Senado obriga estados e municípios a abrirem licitação para a concessão de serviço de saneamento básico e tratamento de água. Os investimentos e os lucros das empresas contratadas (que podem ser multinacionais) serão cobertos pelas tarifas e taxas e poderão contar com subsídios do Estado. Hoje, os municípios já podem estabelecer contratos (os chamados contratos de programa) com empresas estatais,

privadas, de capital misto ou estabelecer parcerias público-privadas. Ou seja, hoje já é permitida a presença de capital privado no setor, embora 70% do serviço sejam fornecidos por estatais. O que muda é que será obrigatória a abertura de licitação e o oferecimento do serviço à iniciativa privada (grandes empresas, oligopólios e multinacionais).

Sem universalização – Os defensores do projeto argumentam que serão estabelecidas metas para a universalização dos ser-

viços, a serem cumpridas até 2033. O texto aprovado pelo Senado, porém, mostra que essa meta é uma ficção. Primeiro, pela própria fiscalização sob responsabilidade da Agência Nacional de Águas (ANA). “A primeira fiscalização deverá ser realizada apenas ao término do quinto ano de vigência do contrato”, nas quais as metas “deverão ser sido cumpridas em, pelo menos, 3”. Não cumpriu a meta? O máximo que pode acontecer é terminar a concessão, sem qualquer punição ou sanção à empresa.

Ou, ainda, constatada a “inviabilidade econômica financeira da universalização”, o prazo

87% DO ESGOTO NÃO É TRATADO

Uma das experiências de gestão privada do setor é a capital do Amazonas, Manaus. Após ter o setor privatizado em 2000, hoje figura no sexto lugar entre os piores municípios em termos de saneamento. Mais de 87% do esgoto da cidade não é tratado.

Dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) mostram que, nos últimos cinco anos, a cidade, que representa o sexto maior PIB do país, arrecadou mais de R\$ 1,6 bilhão e investiu só R\$ 311 milhões no setor. Não é à toa que a região foi protagonista das cenas mais bárbaras da pandemia no país.

é estendido até 2040. Ou seja, uma grande empresa privada ou um consórcio de empresas, inclusive internacional, pode pegar um contrato de concessão,

não cumprir qualquer meta, ter o contrato prorrogado até 2040, período no qual, ao fim, pode simplesmente entregar de volta a concessão.

ÁGUA É BEM COMUM

Mundo rejeita privatização da água

Enquanto o governo e o Congresso Nacional aprovam a privatização da água no Brasil, no resto do mundo ocorre o oposto. O Instituto Transnacional (TNI), em estudo publicado em maio último, mostra que 312 cidades de 36 países reestatizaram serviços na área de água e esgoto entre 2000 e 2019. Incluem-se aí cidades como Paris e Berlim. Os problemas constatados vão de descumprimento de metas, sobretudo nas regiões mais pobres, às tarifas abusivas.

O caso mais emblemático dessa política, porém, está mais próximo. O Chile privatizou a água durante a ditadura Pinochet, em 1981, pelo Código de Águas. A situação levou a que, em certas regiões, famílias chilenas tenham de se submeter ao dilema entre lavar roupa ou cozinhar.

O caso de Cochabamba, na Bolívia, foi um exemplo do que pode acontecer em várias partes do país. No ano 2000, a cidade foi palco de uma massiva mobilização popular que expulsou a multinacional Be-

chtel (estadunidense), que geria o sistema de água potável e esgoto do município. O episódio ficou conhecido como “A Guerra da Água”. A empresa era dona de todas as fontes de água da região, inclusive de poços abertos por moradores em seus quintais e propriedades rurais. Em janeiro de 2000, a multinacional aumentou em 100% as tarifas de água. O aumento caiu como bomba e deu início a uma mobilização que ocupou as ruas da cidade até abril, quando a empresa foi expulsa do país.



DIREITO FUNDAMENTAL

Água como mercadoria



O acesso à água é direito humano fundamental, pois se trata de um patrimônio da humanidade e constitui o princípio da vida em nosso planeta. Transformar água em mercadoria é deixar na mão dos grandes capitalistas estrangeiros a decisão de

dar ou não acesso à água tratada às pessoas. O governo deve garantir o abastecimento desse recurso.

A privatização do setor elétrico já mostrou como a entrega de um serviço público essencial ao capital privado, ao invés de universalizar

e melhorar esses serviços, provoca justamente o contrário: aumento de tarifas, desmantelamento do que resta das estatais, forte precarização dos trabalhadores do setor e, principalmente, a perpetuação e o aprofundamento da falta desses serviços,

principalmente à população mais pobre.

Não é difícil imaginar o que vai acontecer em relação ao saneamento. Nos grandes centros urbanos que já contam com infraestrutura, as tarifas vão aumentar. Onde não tem, vai continuar não tendo.

CORTE DE VERBAS

Investimentos caíram nos últimos anos

O discurso privatista do governo, do Congresso Nacional e da grande imprensa, esconde o verdadeiro problema do saneamento básico no Brasil e o estado de calamidade no qual nos encontramos atualmente: a absoluta falta de investimento no setor. De acordo com o SNIS, a média de investimento caiu nos últimos anos, passando de R\$ 13 bilhões, em 2010, para pouco mais de R\$ 10 bilhões em 2017. Para chegar à modesta meta de universalização do serviço em 2033, estabelecida pelo antigo Plano Nacional de Saneamento Básico, seriam necessários R\$ 508 bilhões em investimentos de 2014 a 2033, algo como R\$ 18 bilhões ao ano. Essa cifra pode não parecer tão grande perto do R\$ 1,2 trilhão entregue pelo

governo Bolsonaro aos bancos no início da crise.

As promessas cínicas de universalização do saneamento vão entrar na mesma conta dos milhões de empregos que viriam com a reforma trabalhista, ou do “tsunami de investimentos” que aportariam no Brasil após a reforma da Previdência.

A aprovação do PL 4162/2019 mostra como, apesar da crise política, Bolsonaro e o Congresso Nacional, incluindo Rodrigo Maia, Alcolumbre, PSDB, Rede, Cid Gomes etc. têm o mesmo projeto neoliberal de ataques aos direitos mais básicos do conjunto da população. E faz lembrar ainda que o PT, apesar de ter votado contra o projeto agora, passou 14 anos no poder sem que esse problema tenha sido minimamente resolvido.



PANDEMIA

Bolsonaro e governadores querem normalizar o genocídio



DA REDAÇÃO

O Brasil está se aproximando rapidamente de 60 mil mortos pela COVID-19 em apenas três meses e soma mais de 1,4 milhão de pessoas infectadas. Só para se ter uma ideia, com menos de 3% da população mundial, o Brasil responde hoje por 20% das novas mortes causadas pelo novo coronavírus no mundo. O índice é semelhante ao da Ásia, que respondeu por 19% das novas mortes. E o número de vítimas por aqui não para de crescer.

Integrantes da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), braço regional da Organização Mundial da Saúde (OMS) nas Américas, apresentaram uma estimativa de que o pico da epidemia no Brasil será em agosto e que o país poderá ter mais de 80 mil mortes até lá. Contudo, considerando que morrem, em média, mais de 7 mil pessoas por semana, ultrapassaremos tranquilamente esse número nas próximas três semanas.

De qualquer maneira, todos esses dados estão baseados nas subnotificações. O Brasil é o que menos testa entre os 20 países com maior taxa de óbito.

A subnotificação é produzida pelos próprios governos e de forma consciente como veremos. Eles se recusam a investir em testagem em massa, a despeito do fato de muitas universidades terem condições laboratoriais para processar os resultados dos testes. No entanto, faltam insumos que nunca chegam a esses laboratórios.

Segundo a OMS, para saber se um país realiza testes suficientes, basta analisar a taxa de resultados positivos. Do total realizado, 5% ou menos devem apresentar confirmação. No Brasil, essa média é muito maior, chegando a 36,6% segundo a Universidade Johns Hopkins. Os números no Brasil são altos justamente porque o país realiza testes apenas em pacientes que já estão em situação avançada. Na Espanha e na Itália, por exemplo, os índices são de 3,59% e 3,61%, respectivamente, por

conta de medidas de testagem em massa.

Estimativas apontam que, até a primeira semana de junho, 2,28 pessoas a cada 100 mil habitantes foram testadas no Brasil. Nos Estados Unidos, esse número é muito maior, chegando a 61,59 indivíduos testados a cada 100 mil habitantes. A OMS recomenda que o número de testes seja de 10 a 30 vezes o total de infectados.

Sem teste para o novo coronavírus, o número de mortes divulgados pela imprensa, baseados nas secretarias de saúde dos estados, pode até estagnar, não ultrapassando as médias atuais diárias. A verdade é que o número real de vítimas da COVID-19 são bem maiores que os anunciados pela imprensa. Porém Bolsonaro já mandou censurar as informações, e os governadores apresentam dados subestimados. Todos eles têm um acordo: varrer essa tragédia para debaixo do tapete.

Ao não fazer teste, não garantir quarentena para valer e defender o retorno das atividades de



forma criminoso, o governo joga os efeitos da COVID-19 também para o SUS e para os profissionais da saúde. Um relatório do Ministério da Saúde aponta que 169 profissionais de saúde morreram com COVID-19 e pelo menos 83.118 foram infectados.

Enquanto isso, Bolsonaro reafirma o seu desprezo pela vida do povo. Diz que pandemia é exagero e manda todos voltarem às ruas. Nos estados, os governadores mandam reabrir o comércio e a economia e falam de “um novo normal”.

A palavra genocídio significa o extermínio deliberado, parcial ou total, de uma população. O “novo normal” deles é um genocídio, que leva o povo trabalhador para o abate-douro em nome dos lucros de grandes empresas e banqueiros. Enquanto isso, eles tentam esconder os números da tragédia para gerar uma alienação da população frente à real tragédia que o país enfrenta.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BITLY.COM/00ZV9](https://bit.ly.com/00zv9)

SISTEMA

Conduzindo o povo pobre para o abate



Pressionados pelos capitalistas, os governos estaduais e municipais já implementam política de reabertura, enquanto o país registra recorde atrás de recorde de vítimas da pandemia. São abertos comércios, bares e restaurantes e querem também reabrir escolas como se tudo estivesse bem. A tal da “normalização” é o deixar morrer, em especial o povo pobre e trabalhador, que é obrigado a pegar condução superlotada e se expor à letalidade do vírus.

O Rio de Janeiro mergulha no caos com falta de médicos, salários e equipamentos para os pacientes. O estado viu a

taxa de infectados superar 100 mil depois de flexibilizar a quarentena.

O estado de São Paulo encerra o mês de junho com um balanço de 281.380 casos confirmados do novo coronavírus e 14.763 óbitos notificados. Mesmo assim, o governador João Doria anuncia a reabertura do comércio em várias cidades, enquanto o estado ainda registra curva ascendente de casos e mortes. Uma estimativa feita pela Rede de Pesquisa Solidária aponta que a flexibilização da quarentena no estado pode elevar em até três vezes o número de óbitos nos próximos 30 dias.

RETOMADAS DAS AULAS

Em meio ao absurdo, Doria já fixou dia para a reabertura das escolas: 8 de setembro. Outros estados também anunciaram planos de retorno às aulas nas escolas públicas estaduais. Entre eles, está o governo de Flávio Dino (PCdoB), no Maranhão, que anunciou a volta às aulas para agosto.

A retomada das aulas não tem nenhuma base científica. Aliás, a re-

bertura do comércio e o “novo normal” vão fazer explodir os casos de contaminação inevitavelmente. E querem reabrir sem fazer testes em massa para medir e monitorar a contaminação. Isso sem falar na atual condição de penúria das escolas públicas, nas quais o normal é amontoar mais de 40 ou 50 alunos dentro de uma sala de aula. A reabertura de escolas é uma ação que coloca em risco estudantes, suas famílias e trabalhadores das escolas.

CAPITALISMO É UM ABATEDOURO

O “novo normal”, mostra que toda a suposta diferenciação feita pelos governadores com Bolsonaro, lá no começo da pandemia, não passava de um jogo de cena com objetivo de capitalizar votos nas próximas eleições. Porém também revela toda a crueldade do sistema capitalista. Jogam milhões para o abate porque “a economia não pode parar”. Afinal, quem vai produzir as mercadorias para que os capitalistas lucrem?

É por isso que no mundo inteiro os governos já começaram a mandar

ENQUANTO ISSO...

Passando a boiada em nossos direitos

O governo Bolsonaro e os grandes empresários se aproveitam da pandemia para rebaixar salários, promover demissão em massa e fazer passar no Congresso Nacional a completa retirada do que nos resta de direitos trabalhistas. É o caso das Medidas Provisórias 936 e 927, que reduzem jornada e salário, suspendem contratos de trabalho e até mesmo exigências de segurança e saúde dos trabalhadores. Era hora de fazer o contrário: garantir estabilidade no emprego, nenhuma redução de salário e parar todos os setores não essenciais para salvar vidas.

reabrir o comércio, como nos Estados Unidos e na maior parte da Europa. Nos EUA, Trump age como um garoto propaganda da reabertura, pressionando estados a retomar suas atividades econômicas. Deu em tragédia. Há estados, como o Arizona, em que 90% dos leitos de UTI estão ocupados. Bolsonaro e os governadores copiam, de forma grotesca, os passos de Trump. Eles não tão nem aí para a quantidade de mortes que essas medidas podem causar. Usam os trabalhadores como bucha de canhão, como peças descartáveis que podem ser substituídas quando são aniquiladas na imensa engrenagem

de um sistema que coloca o lucro acima da dívida.

No Brasil, por ser o epicentro da pandemia mundial, a situação é dramática. A política genocida de Bolsonaro e a reabertura implementada pelos governadores será uma catástrofe sanitária. Não teremos uma segunda onda de contaminação, como alguns dizem, pelo simples fato de o Brasil sequer terá saído da primeira. O que teremos é um tsunami com sucessivas ondas, grandes e aterrorizantes, que farão explodir os casos de contaminação do Brasil e que, segundo projeções, podem nos levar ao topo do ranking de vítimas da COVID-19



Fonte: <https://covid19.healthdata.org/brazil>

PROGRAMA

Garantir quarentena para valer com emprego e renda

Apesar das mentiras propagadas por Bolsonaro e pelos governos estaduais e municipais, a situação do país vai de mal a pior. Bolsonaro já disse que não vai pagar mais o auxílio emergencial a partir de setembro (leia mais nas páginas 8 e 9). Diz que não tem dinheiro, mas deu mais de R\$ 1,2 trilhões aos bancos.

A única solução possível para conter a crise é a quarentena geral, parando todo o serviço não essencial e garantindo os empregos e a renda de trabalhadores, desempregados e informais, com todas as condições para que as pessoas possam ficar em casa e para que a população, sobretudo os mais pobres, tenha direito e pleno acesso aos serviços de saúde.

- Parar tudo o que não for essencial, com garantia de emprego e renda.
- Pagar os R\$ 600 para todos até o surgimento da vacina e aumentar esse valor para 2,5 salários mínimos.
- Fazer testes massivos para todos e implementar fila única de leitos centralizada pelo SUS.
- Ofertar crédito para o pequeno negócio, isentar de impostos e garantir o pagamento dos salários dos funcionários dos negócios com até 20 trabalhadores.

- Isentar desempregados e informais de pagamento de luz, água e aluguel.

DE ONDE TIRAR RECURSOS PARA O PLANO DE EMERGÊNCIA

- Suspender o pagamento da falsa dívida aos bancos.
- Requisitar o lucro de um ano dos cinco maiores bancos: só em 2019, foi de R\$ 102 bilhões.
- Usar os US\$ 350 bilhões da reserva internacional que hoje serve à especulação.

ACHARAM O QUEIROZ

Um governo corrupto e miliciano



DA REDAÇÃO

Queiroz finalmente apareceu: estava na casa do advogado dos Bolsonaro. A prisão do miliciano Fabrício Queiroz, escondido no sítio do advogado Frederick Wassef, em Atibaia (SP), enterra ainda mais o discurso hipócrita de combate à corrupção deste governo corrupto e reforça sua ligação com as milícias.

Queiroz é suspeito de comandar o esquema das “rachadinhas”, desvio de dinheiro dos salários de funcionários do gabinete do então deputado estadual Flávio Bolsonaro, o 01. Esses recursos financiaram negócios imobiliários ilegais tocados pelo Escritório do Crime, a milícia que tinha como principal chefe o ex-PM Adriano da Nóbrega, morto pela polícia da Bahia no início do ano. A

mãe e a esposa de Adriano apareciam como funcionárias do gabinete de Flávio. O grupo criminoso é suspeito, além de tudo, de envolvimento na execução da vereadora do PSOL Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes.

Queiroz é investigado pela “rachadinha” no gabinete do filho de Bolsonaro, mas a principal relação do miliciano é com o próprio presidente. Amigo íntimo desde 1984, Fabrício Queiroz sempre foi o principal ajudante, o “faz-tudo” de Jair Bolsonaro. O cheque de Queiroz de R\$ 24 mil, endereçado a Michelle Bolsonaro, aparece apenas como a ponta do iceberg sobre o real envolvimento do miliciano.

JAIR PAZ E AMOR?

A crise desatada pela prisão de Queiroz se somou às outras que já tiravam o sono de Bolsonaro, como o inquérito das fake news, o esque-

ma criminoso de disparo em massa de mentiras e dos atos pró-ditadura, financiados por grandes empresários bolsonaristas. Diante disso, Bolsonaro se vê cada vez mais acuado. Baixou a bola nas sucessivas ameaças de golpe e até mesmo a visita diária à sua meia dúzia de apoiadores que batem ponto no cercadinho do Planalto foi suspensa.

O presidente tenta sanar esses reveses segurando-se cada vez mais no centrão, entregando cargos com orçamentos bilionários, além de sinalizar uma aproximação com o Supremo Tribunal Federal (STF). O conjunto da burguesia, por sua vez, tenta enquadrá-lo para evitar o acirramento da polarização e instabilidade, e para avançar o projeto ultraliberal de Paulo Guedes.

Engana-se, porém, quem acha que ele se convenceu a deixar para trás sua vocação autoritária. Com discurso re-



cuado ou não, esse governo defensor da barbárie é militarizado. O vice Hamilton Mourão é tão defensor da ditadura, do AI-5 e do torturador Brilhante Ustra quanto esta extrema direita delinquente e miliciano. Bolsonaro já mostrou diversas vezes que adora partir para cima das liberdades democráticas a fim de

impor seu projeto de semiescravidão e ditadura. Basta ter as condições para isso, coisa que a atual correlação de forças entre as classes ainda não permitiu. Pôr para Fora já Bolsonaro e Mourão é uma tarefa central da nossa luta.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BITLY.COM/RQRAE](https://bit.ly/1.com/RQRAE)

ENGANAÇÃO

“Direitos Já”: Nome enganoso para uma frente com a burguesia contra os trabalhadores



No último dia 26 de junho um ato online organizado pela frente Direitos Já reuniu nomes como FHC, Luciano Huck, o tucano Tasso Jereissati, além do governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), o ex-candidato a presidente Ciro Gomes,

até Guilherme Boulos, Marcelo Freixo (ambos do PSOL) e a deputada Fernanda Melchionna, do Movimento de Esquerda Socialista (MES), corrente desse partido.

Longe de ser uma frente única para lutar e pôr um fim no

governo genocida de Bolsonaro, prioridade número um neste momento, essa frente é o contrário. Visa reafirmar o status quo, a ordem capitalista, o regime e suas instituições e, junto com isso, os inúmeros ataques à classe trabalhadora, como é

o caso das Medidas Provisórias 936 e 927, que suspende contrato de trabalho, reduz salário e permite demissões. Sequer chama o “Fora Bolsonaro”.

Um dos participantes deste ato, por exemplo, foi o senador Tasso Jereissati (PSDB-CE), relator do projeto que privatiza a água e o saneamento, enviado pelo governo Bolsonaro ao Congresso. Teve também o governador Flávio Dino (PCdoB-MA), que entregou a base de Alcântara para os EUA e, para isso, despejou comunidades tradicionais quilombolas da região, e atacou servidores públicos reeditando a reforma da Previdência no estado.

É o mesmo caso de outras frentes, como “Estamos Juntos” e “Somos 70%”, que prometem à burguesia uma unidade nacional em torno à democracia dos ricos, que aplique o projeto que Paulo Guedes impõe hoje, porém com outro discurso.

O PAPEL DO MES

Não só o PT e o PSOL participaram deste ato e compõem essas frentes. Setores como o MES, que se coloca à esquerda do PSOL, por meio da deputada Fernanda Melchionna, atual líder da bancada do partido na Câmara, também participam. Infelizmente, esse não foi um raio em céu azul. Melchionna votou a favor do projeto antir crime de Sérgio Moro, que criminaliza e aumenta a repressão contra jovens negros da periferia. Também votou no chamado “Orçamento de Guerra”, que joga a crise nas costas dos trabalhadores e dos mais pobres. É o resultado de uma lógica do “menos pior”, cada vez mais longe de uma perspectiva socialista e cada vez mais próximo da lógica eleitoral, da burguesia e de todos os setores contra os quais lutamos, como acontece agora com essa frente.

FORA BOLSONARO E MOURÃO

10 de julho é dia nacional de luta e protestos

Mais de 100 organizações, entre partidos políticos, centrais sindicais, movimentos sociais, ambientais e religiosos, reuniram-se e convocaram para o dia 10 de julho um Dia Nacional de Protesto pelo “Fora

Bolsonaro!” e pelo “Impeachment já!”. Trata-se de um passo importante, pois aponta no sentido de massificar a luta pelo “Fora Bolsonaro”, estimulando a participação da população na luta.

O PSTU participa da organização desse protesto e vai estar na linha de frente dessa luta, defendendo a necessidade de colocar para fora Bolsonaro, mas também Mourão e todo o seu governo, pois a cada dia que passa

ele só traz mais morte, desemprego, eliminação de direitos, violência e miséria. Tirar todo esse governo é a tarefa mais urgente para evitarmos uma catástrofe ainda maior, salvarmos vidas, preservar empregos e direitos e

garantir renda social para todos que dela necessitam.

Participe dessa luta! Venha expressar seu repúdio à política genocida de Bolsonaro e exigir o fim imediato desse governo. Veja abaixo como fazer parte.



É O BREQUE



ENTREGADORES SE LEVANTAM CONTRA SUPEREXPLORAÇÃO

Entregadores de aplicativos de todo o país se preparam para uma paralisação no dia 1º de julho. Eles reivindicam o aumento no valor das corridas e do preço mínimo da entrega, fim dos bloqueios indevidos, seguro contra roubos e acidentes, além de medidas mínimas, como equipamentos de proteção individual.

Os entregadores são uma das categorias mais exploradas, trabalhando até 12 horas diárias, muitas vezes sem comer, expostos à COVID-19 e sem qualquer tipo de vínculo empregatício reconhecido com as grandes empresas. O movimento se expandiu para todo o país e inclusive para outros países da América Latina.

DIA 10 – PROTESTE DA FORMA QUE PUDER. O IMPORTANTE É PARTICIPAR!

- Use preto, pelo menos uma peça do seu vestuário ou adereço.
- Pendure um pano preto na janela da sua casa durante todo o dia.
- Organize as pessoas do seu local de trabalho para protestar também (cobre do sindicato a realização de assembleia na entrada do trabalho).
- Organize atividades simbólicas de protesto na sua rua ou na sua comunidade.
- Proteste nas redes sociais pelo “Fora Bolsonaro e Mourão”.
- Às 20h, vamos fazer um panelaço nacional. Vá para a janela, bata panela e grite “Fora Bolsonaro e Mourão” bem forte. Se estiver na rua de carro, buzine!

DIAS 11 E 12 – LIVE NACIONAL E MANIFESTAÇÕES

- No sábado (11), haverá uma grande live durante todo o dia, com pronunciamento das organizações e atividades culturais. No domingo (12), ocorrerão manifestações de rua em todo o país (garantindo-se os cuidados com a saúde).

ABSURDO



BOLSONARO QUER DIMINUIR AUXÍLIO EMERGENCIAL PELA METADE

Além de não garantir o auxílio emergencial a todos que precisam, Bolsonaro anunciou sua intenção de reduzir o valor pela metade. O governo divulgou que dará só mais três parcelas do auxílio: de R\$ 500, R\$ 400 e R\$ 300. Isso após ter defendido, no início da pandemia, um auxílio de míseros R\$ 200.

O governo não garante as condições mínimas para que a população, sobretudo a mais pobre e precarizada, submetida ao trabalho informal, possa de fato fazer uma quarentena, já que R\$ 600 não dá condições de sobreviver a ninguém. Como se isso não bastasse, o auxílio só chega a uma parte de quem precisa, cerca de 60 milhões dos mais de 100 milhões que precisam.

Por outro lado, milhares de empresários e militares estão aproveitando-se para receber de forma irregular o benefício. São mais de 73 mil militares e 235 mil empresários que não são microempreendedores individuais (MEI). Embora tenha parte que de fato seja dona de um pequeno negócio, muitos são simplesmente grandes empresários que abocanharam esse auxílio.

AMAZÔNIA EM CHAMAS

No governo Bolsonaro, desmatamento cresce por 13 meses seguidos

ROBERTO AGUIAR,
DE OURÉM (PARÁ)

Por 13 meses seguidos, cresce o desmatamento na Amazônia. De acordo com o Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), somente entre abril e maio deste ano, os alertas do desflorestamento

à extração ilegal de madeira, e para a ampliação da agricultura e da mineração.

Como consequência, a devastação no bioma avança. Em maio, o desmatamento cresceu 12% em relação a 2019. Foram 829 km² de área desmatada, o maior valor para o mês já re-

ção da floresta na atual temporada que se encerra em agosto de 2020. No período anterior (agosto 2018 a agosto de 2019) tivemos um recorde com 10 mil km² de desmatamento na Amazônia.

Analisando os dados acumulados do Deter de agosto do ano passado a mais deste ano, o



mais que dobraram (veja gráfico abaixo). Essa catástrofe anunciada é resultado da política antiambiental do governo Bolsonaro, aplicado pelo ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que encoraja, incentiva e apoia as ações de madeireiros ilegais, fazendeiros e especuladores de terras. Dá passe livre

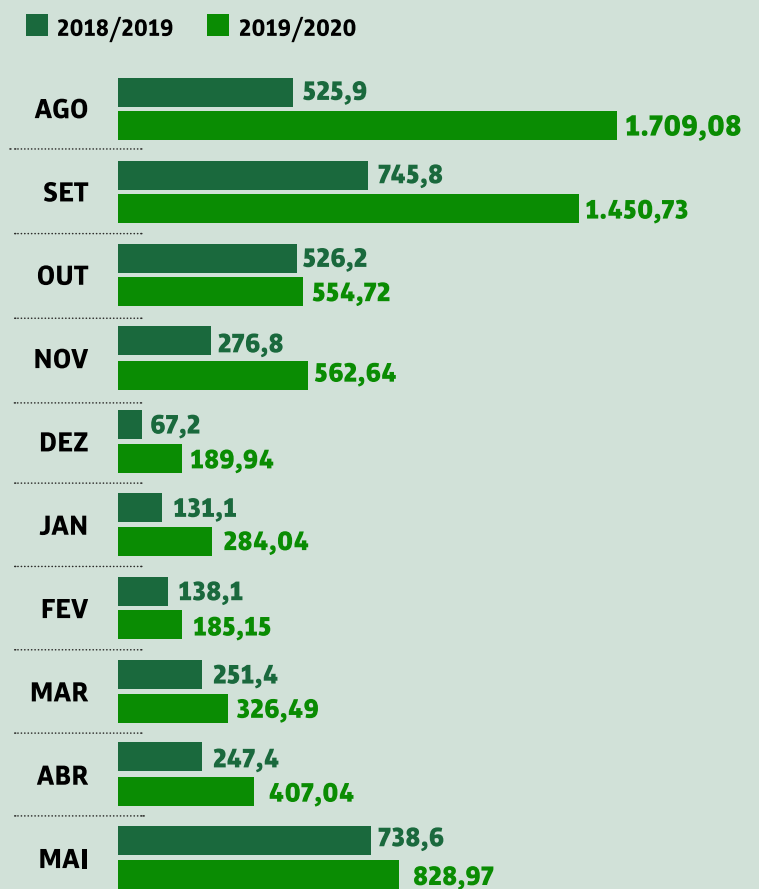
gistrado na série histórica recente do sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter), programa do INPE, cujos dados embasam ações de fiscalização.

Levando em consideração o acumulado de alertas do Deter ao longo dos meses, a tendência é de aumento na taxa oficial de destrui-

pesquisador Márcio Astrini, do Observatório do Clima, avalia que pelo ritmo, “teremos taxa de desmatamento maior que do ano passado. Podemos ir para quase 12 mil. Os dados do Deter mostram que temos que nos preocupar. Alta no desmatamento é certo que vamos ter. E, teremos uma alta considerável”.

ALERTAS DE DESMATAMENTO DA AMAZÔNIA

Sistema aponta que desmatamento oficial, medido de agosto a julho, poderá ser maior na temporada que termina em 2020



Fonte: Deter/Inpe

POLÍTICA GOVERNAMENTAL

Passando a boiada na floresta

A Amazônia sempre sofreu com queimadas e desmatamentos ilegais, como consequência de um conjunto de políticas que são implementadas há anos, por todos os governos, incluindo os do PT. A regularização de terras griladas, a derrubada das matas e destruição dos rios vem desde a ditadura militar, com construção de megaempreendimentos como as hidrelétricas e rodovias. Essa velha política dos militares foi retomada nos anos 2000, no governo do Lula – vide a medida provisória 458 que transferiu terras públicas a grileiros. Agora, estão sendo criminosamente ampliadas e intensificadas pelo governo Bolsonaro.

Desde a campanha eleitoral Bolsonaro defendia propos-

tas a favor dos grileiros, questionando a política ambiental de preservação e contrário a criação de reservas florestais, bem como, prometia acabar com a regularização das terras indígenas e quilombolas. E, assim tem agido desde o dia de sua posse.

Em dezembro, assinou a Medida Provisória (MP) – 910, que permite que parte de áreas públicas desmatadas ilegalmente até dezembro de 2018 passe para as mãos dos desmatadores.

É um governo tão descarado que não faz questão de esconder sua política de destruição de nossas florestas. Importante lembrar a fala de Ricardo Salles na famosa reunião ministerial ocorrida em Brasília no dia 22 de abril. Ele

alertou sobre que o governo deveria aproveitar a “oportunidade” trazida pela pandemia da Covid-19, já que o foco da sociedade e da mídia está voltado para o coronavírus, para “ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas”. Segundo o ministro, seria hora de fazer uma “baciada” de mudanças nas regras ligadas à proteção ambiental e à área de agricultura e evitar críticas e processos na Justiça.

Ricardo Salles foi nomeado para implementar essa política destruidora, para isso enfraqueceu os órgãos públicos que atuam nesta área como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a Fundação Nacional do Índio



(Funai). A política de favorecimento ao lado desmatador se vê na redução de multas e na determinação que as operações dos fiscais do Ibama sejam informadas com antecedência, o que facilita a fuga dos agressores ambientais.

O próprio Ministério do Meio Ambiente vem sofren-

do um forte esvaziamento. Em fevereiro, Bolsonaro assinou um decreto que retirou o Conselho Nacional da Amazônia do Ministério e o transferiu para a vice-presidência. Além do vice-presidente Mourão, o Conselho é composto por mais 18 militares e sem representantes do Ibama e Funai.

SOCIALIMO

Defender a natureza é lutar contra o capitalismo

Mas a luta e a resistência dos povos das florestas também vêm desde esse período. Aqui, resistir e lutar são verbos sempre conjugados no presente. Essa luta em defesa da Amazônia, dos povos originários, matas, rios e das riquezas naturais é uma tarefa do conjunto da classe trabalhadora.

Hoje, essa luta passa pela tarefa imediata de colocar para fora Bolsonaro, Mourão e Ricardo Salles. Combinada com a luta contra esse sistema destruidor, predatório, que transforma o meio ambiente em mercadoria. Não existe nenhuma possibilidade de desenvolvimento sustentável dentro dele.

Por isso, a defesa consequente do meio ambiente deve ser feita conjuntamente com a luta contra a exploração capitalista e pelo estabelecimento do socialismo. A Amazônia só vai parar de arder quando superarmos o sistema capitalista e a grande propriedade privada.

A luta em defesa da Amazônia, de nossas florestas e do meio ambiente é uma luta contra o capitalismo. A destruição da Amazônia e o roubo das suas riquezas ocorrem

há séculos, desde a chegada e fixação dos invasores portugueses, em meados do século 16, e a instituição da propriedade privada capitalista na região.

FAKE

OPERAÇÃO FAJUTA DAS FORÇAS ARMADAS NÃO COMBATE DESMATAMENTO

Foi na ditadura militar que o genocídio moderno dos povos da Amazônia foi elaborado e teve sua implantação iniciada. Com os lemas “Integrar para não entregar” e “Terras sem homens para homens sem terra”, em 1970, foi lançado o Programa de Integração Nacional (PIN), que previa a construção de rodovias e projetos de colonização.

Os indígenas já estavam dizimados no slogan, pois na visão dos militares a Amazônia era uma terra sem dono. Ideologia reinante ainda nos tempos atuais. Tribos inteiras foram dizimadas, comunidades foram removidas forçadamente. Nada poderia atrapalhar o “progresso”.

Assim foi o processo de ocupação da Amazônia. A cartilha dos militares seguiu sendo aplicadas, nem os governos do PT fugiram à regra. Vide o ocorrido com a instalação da hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, para citar apenas um exemplo.

Com Bolsonaro a cartilha da ditadura militar ganha ainda mais relevância. Inclusive, os militares são chamados a executá-la, basta olhar a nova composição do Conselho Nacional da Amazônia, coordenado pelo vice-presidente Mourão e por mais 18 militares.

Em maio, Bolsonaro autorizou o envio de tropas para combater focos de incêndio e desmatamento ilegal na Amazônia. Contudo, a operação Garantia da Lei e da Ordem (GLO) – denominada Operação Verde Brasil – é denunciada pelos fiscais do Ibama como ineficiente e tem atrapalhando a atuação dos órgãos, favorecendo os criminosos. A operação foi uma espécie de tapa-buraco, após a pressão internacional por causa dos incêndios na região amazônica, os maiores dos últimos anos.

A operação é tão fajuta, não tem interesse nenhum em combater os desmatamentos, que maio, o mês que a GLO passou a atuar, o INPE informou recorde de devastação do bioma amazônico. Os militares, de forma autoritária, usurpam as tarefas desenvolvidas pelos fiscais do Ibama. No início das operações, eles suspenderam uma ação que seria tomada contra um grupo de madeireiros em uma terra indígena invadida.



Enquanto os fiscais do Ibama tocam fogo nos equipamentos, o que impossibilita o uso futuro, os militares retiram apenas algumas peças, que depois podem ser consertadas e colocadas em uso.

Os funcionários do Ibama usam carros e helicópteros de porte menores, para não chamar atenção. Já os militares usam carros e helicópteros grandes, chamando a atenção e garantindo a fuga dos infratores.

O gasto do governo para manter a Operação Verde Brasil, com 3 mil soldados do exército, pode chegar a R\$1,7 bilhão. Até agora já foram gastos R\$ 120 milhões. Com esse valor daria para pagar os salários de mais 1.000 fiscais do Ibama por um ano. Hoje são 700 fiscais e orçamento de R\$ 77 milhões para o ano todo.

Mourão quer manter as tropas até o fim do mandato presidencial. A falcatura é tão grande que o Ministério Público Federal (MPF) entrou com uma Ação Civil Pública questionando a operação. Já que a presença dos militares não representou a diminuição dos desmatamentos, ao contrário, teve aumento, conforme mostram os dados do INPE.

Os militares destruíram a Amazônia no passado e a destroem no presente. Seguem aplicando a política de genocídio dos povos originários. Segundo dados oficiais do INPE, o desmatamento nas Terras Indígenas em 2019 foi 80% maior em comparação com o ano de 2018. Já nos territórios com a presença de povos indígenas isolados o desmatamento aumentou em 113%.

SOCIALISMO

Surgimento e papel do reformismo stalinista e social-democrata antes e depois da II Guerra



JOSÉ WELMOVICK,
DE SÃO PAULO

A Terceira internacional com a força da vitória da revolução russa rapidamente adquire influência de massas numa disputa frontal com a social-democracia. Sua estratégia era revolução mundial, a luta pela destruição do estado burguês, pelo poder operário como transição ao socialismo.

Mas o isolamento da revolução russa, a destruição causada pela guerra civil contra o poder operário pelas invasões dos mais de 20 exércitos sustentados pelas potências imperialistas, num país atrasado com um grande peso do campo gerou um processo de burocratização do Estado e do partido comunista, levando a uma contrarrevolução política. Encabeçada pela fração dirigida por Stalin, ela toma o controle do poder e do partido e imprime uma orientação oposta

à de Lenin. Em primeiro lugar muda a política de Lenin e a visão marxista de que, para triunfar, o socialismo tinha que ser mundial. Também acaba com a democracia no Estado e no partido. Estes princípios são substituídos por uma defesa do suposto “socialismo em um só país”, pela burocratização do aparato estatal, a perseguição aos opositores no partido e no Estado e opressão às nacionalidades e todos setores oprimidos. Corando esses retrocessos, surge a nova doutrina, o stalinismo, que assume como política para os países coloniais e semicoloniais a aliança estratégica com as burguesias nacionais ou seus setores supostamente progressivos.

O stalinismo passa defender os governos de colaboração de classes, chamadas frentes populares com a burguesia, como na França e Espanha da década de 30. Como afirmava Trotsky



Berlinguer, chefe do PC italiano segurando o jornal do partido.

no Programa de transição em 1938: “A Internacional Comunista enveredou pelo caminho da social-democracia na época do capitalismo em decomposição, quando não há mais lugar para reformas sociais sistemáticas nem para a elevação do ní-

vel de vida das massas, quando a burguesia retoma sempre com a mão direita o dobro do que deu com a mão esquerda, quando cada reivindicação séria do proletariado, e mesmo cada reivindicação progressista da pequena burguesia, conduzem

inevitavelmente além dos limites da propriedade capitalista e do Estado burguês”. O stalinismo assume as posições essenciais do reformismo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BITLY.COM/H791K](https://bit.ly.com/H791K)

COLABORAÇÃO COM A BURGUESIA

Depois da Segunda Guerra e o Estado de Bem Estar



Primavera de Praga, levante popular na Tchecoslováquia contra a ditadura burocrática que foi esmagada por tanques soviéticos em 1968.

Na Segunda Guerra Mundial, deu-se uma das maiores batalhas e maiores vitórias dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo: a derrota do nazifascismo. Isso apesar de todas as traições, dos acordos entre a Inglaterra e França com o nazismo, dos pactos de Stalin com Hitler em 1938. O papel das massas da URSS,

como em Stalingrado foi decisivo nessa luta e vitória, apesar de sua direção. Por isso os Partidos Comunistas saíram prestigiados pela resistência e pela vitória final contra os nazistas.

Isso permitiu aos partidos comunistas uma situação privilegiada. Frente a colaboração das burguesias locais com

Hitler e Mussolini, após a invasão da URSS pelos alemães em 1941, os comunistas jogaram um papel de destaque na guerrilha iugoslava, na resistência francesa e italiana, na grega, na China, no Vietnã.

No fim da II Guerra, uma situação revolucionária se abriu em toda a Europa. A resistência tinha o controle de

países decisivos, mas a social-democracia. Estava colocada a possibilidade de tomar o poder em países-chave. Uma revolução operária e popular se abriu na França, Itália e Grécia. Os trabalhadores armados e vitoriosos haviam destruído o ocupante nazista e o estado burguês. Mais uma vez a traição das direções burocráticas foi decisiva para manter o capitalismo. Sob as ordens de Stalin, que apostou tudo nos Pactos de Yalta e Potsdam e na coexistência com o imperialismo, inclusive dissolvendo a III Internacional em 1943, a pedido de Winston Churchill. Uma traição histórica à revolução e ao legado de Lenin. Essa conduta permitiu o massacre da resistência grega pelo exército inglês, e os PCs entregaram o poder na França e Itália à burguesia.

Diante de uma situação explosiva na Europa, o imperialismo foi obrigado a fazer uma série de concessões aos trabalhadores e permitir que

a social-democracia e os PCs pudessem justificar seu apoio aos novos governos de “unidade nacional pela paz”. O imperialismo norte-americano organizou o Plano Marshall para financiar a reconstrução capitalista da Europa Ocidental arrasada pela guerra. Uma série de medidas de proteção social, antes recusadas pelas burguesias imperialistas acabaram sendo implementadas. A legalização de vários direitos trabalhistas, a criação ou extensão da Previdência Social. Foi o chamado Welfare State (Estado de bem-estar social), que ao trazer melhorias no nível de vida passou a ser apresentado como “prova” da possibilidade de uma reforma gradual do capitalismo: um padrão que se podia manter e estender.

Nesse processo, os reformistas conseguiram uma retomada de seu prestígio ao capitalizar esse período em que, devido à destruição causada pela guerra e o medo à revo-

lução operária, a burguesia se viu obrigada a permitir uma melhora importante nas condições de trabalho, direitos sociais. A social democracia e os PCs se apresentaram como os defensores dos direitos sociais, se reconstruíram na Europa Ocidental, e passaram a ser parte frequentemente nos governos na Alemanha, Inglaterra, França, entre outros países. Nos anos 50 e até o final da década de 60 com fortes partidos reformistas sejam Partidos Socialistas ou Comunistas em toda Europa Ocidental.

No final dos anos 40 e começo dos anos 50, a pressão do imperialismo anglo norteamericano, na chamada 'guerra fria' gerou um discurso mais duro da burocracia stalinista. Mas o stalinismo nunca rompeu



seu compromisso com a ordem mundial de Yalta e Potsdam. O stalinismo passa a uma posição de colaboração aberta e de 'coexistência pacífica' com o imperialismo. A partir dessa doutrina, os discursos são a defesa do diálogo e da conciliação, com os PCs ajudando a sustentar a dominação imperialista no mundo e o Estado burguês.

A partir do final dos anos 50, os PCs serão campeões em apoiar governos burgueses supostamente progressistas em todos os continentes. Na Itália, por exemplo, defenderam o "compromisso histórico" entre o PC, o maior partido comunista do ocidente, com a Democracia Cristã, maior partido burguês na Itália.

AMÉRICA LATINA



Revolução sandinista de 1979
- Na ocasião, Fidel castro pediu aos sandinistas que não fizessem da Nicaraguá uma nova Cuba.

Fracasso do reformismo e do nacionalismo burguês no mundo semicolonial

Na América Latina, entre os anos 50 e 70, a presença do reformismo e do nacionalismo burguês seguiram esse processo de chegarem ao governo para tentar desviar os processos revolucionários desde a Bolívia de 1952, a Argentina com Perón. Nesses processos, em nome da frente com a burguesia, os PCs apoiaram os governos ditos progressistas, como Joao Goulart no Brasil em 1962-63 e a Unidade Popular de Allende no Chile entre 1970-73. Em nome dessas alianças, passaram a defender a legalidade e o Estado e chamaram a confiar nas forças armadas, ditas patrióticas, e com isso desarmaram a resistência aos golpes tanto no Brasil como no Chile.

NEOLIBERALISMO

A crise na social-democracia e no stalinismo



Tony Blair, líder do partido trabalhista que defendeu a chamada terceira via

A social-democracia que havia se fortalecido na reconstrução do pós-guerra e por sua identificação com o Estado de bem-estar social, passou a sofrer um forte desgaste no final dos anos 60 abriu. Foi nesse momento que começou o período de ataques a esses direitos sociais. Ataques que vieram pela direita, mas também pe-

los sociais-democratas, quando estavam nos governos. Na França, Alemanha e Espanha pós-franquista, a partir dos anos 70 e nos anos 80, começou um forte desgaste, que se aprofundou com a implantação do chamado 'neoliberalismo'. Este consistia numa política econômica de retirada dos direitos conquistados em nome

de "menos Estado" e da "liberdade de iniciativa". Iniciada por Thatcher (Reino Unido) e Reagan (EUA) e experimentada no ditadura chilena de Pinochet, o neoliberalismo foi sendo tomado como pauta também por governos social democratas: Mitterrand na França em 1981-88, Felipe González na Espanha nos anos 80, os

trabalhistas na Inglaterra e os social democratas na Alemanha. Desse processo vai surgir a Terceira via do trabalhista Tony Blair, primeiro-ministro da Grã-Bretanha (1997 a 2007).

Por outro lado, abriu-se uma crise nos partidos comunistas europeus stalinistas com a repressão do Exército Vermelho russo contra as revoluções políticas no Leste europeu nos anos 50, 60 e 70.

Surge então o fenômeno do Euro comunismo, tendo como carro-chefe o PC Italiano. Levando até o fim a política de aceitar o Estado burguês em nome da democracia, formulam a doutrina da "democracia como valor universal". Para eles a evolução da democracia levaria ao socialismo, sem necessidade de revoluções sociais. Ou seja, adotaram um programa tal como a social-democracia havia feito no passado.

As outras vertentes do stalinismo, como o maoísmo e castrismo, apesar da estratégia guerrilheira, que num primeiro momento atraiu a simpatia de milhares de militantes, acabaram por ser a expressão das burocracias que governam China e Cuba. Em pouco tempo apoiavam as burguesias ditas progressistas e se colocaram contra a toma-

da do poder pelos trabalhadores em uma série de revoluções. Fidel Castro mostrou isso apoiando a aliança de Allende com a burguesia no Chile, e também quando disse aos Sandinistas na revolução da Nicarágua em 1979, que não se devia expropriar a burguesia, mas sim se aliar com ela. "A Nicarágua não deveria ser uma nova Cuba", disse.

Tanto a burocracia chinesa como a cubana foram linha de frente da restauração do capitalismo em seus países. Hoje, o PC cubano representa a nova burguesia que restaurou o capitalismo na ilha. Já o PC chinês passou a ser um partido que governa em forma totalitária o Estado capitalista chinês.

Após a restauração do capitalismo na ex-URSS, os partidos eurocomunistas como o PC Italiano completaram um processo de reconversão em partidos burgueses.

A social-democracia e o que restou dos antigos partidos stalinistas, como PC português e francês, se transformaram em partidos da ordem, cujo programa é a defesa do Estado burguês. Assim, se transformaram em instrumentos auxiliares para a burguesia implantar sua guerra social e destruir o Welfare State.

PALESTINA

Não à anexação, não ao sionismo

SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO

Um “Dia de Fúria” foi marcado para 1º de julho. É o chamado de organizações palestinas que levantam a bandeira: “Não à anexação! Não ao sionismo!”.

Na data, Israel anuncia a anexação da Cisjordânia, Palestina ocupada em 1967, ao encontro do previsto no chamado “acordo do século” de Trump, divulgado em fins de janeiro. O plano unilate-

ral, de tão bizarro, tem recebido o repúdio até mesmo de eternos cúmplices do projeto colonial sionista mundo afora – entre os quais com bastante força os governos de países europeus, que chegam a alertar sobre possíveis sanções a Israel.

A anexação proposta de forma escancarada gerou crise até mesmo entre as forças de ocupação e colonizadores sionistas – obviamente, não por qualquer mínima razão humanitária ou empatia com os palestinos. Den-

tro do próprio governo israelense não há acordo. O ministro da Defesa, Benny Gantz, tem feito declarações quanto ao adiamento da anexação, ora usando como justificativa a pandemia de COVID-19, ora porque o plano ainda segue em preparação. O primeiro-ministro Netanyahu agora afirma que as conversas com os Estados Unidos seguem nos próximos dias – sem, contudo, revelar a possível suspensão da medida. Informações dão conta de que a nova data seria 10 de julho.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BITLY.COM/N5TDL](https://bit.ly/1.com/N5TDL)

ANEXAÇÃO

O fim da Palestina?

Mas o que é essa tal anexação que despertou o mundo para a gravidade da situação dos palestinos no refúgio, na diáspora ou sob ocupação, discriminação e colonização? Essa é uma situação contínuas há mais de 72 anos, desde a criação do Estado de Israel, em 15 de maio de 1948 (a Nakba, catástrofe), mediante limpeza étnica planejada.

A anexação da Cisjordânia é a legitimação da ocupação criminosa que se expande a passos largos, do apartheid institucionalizado que a tal comunidade internacional não só fecha os olhos, como sustenta. O Brasil exemplificou bem esse cenário nos últimos anos: durante os governos Lula e Dilma. Apesar do voto favorável a Palestina ocupada nos organismos internacionais – diferentemente de Bolsonaro –, o país se transformou no quinto maior importador de tecnologia militar israelense.

Governos estaduais também adquiriram tecnologias militares

israelenses que seguem a promover o genocídio do povo pobre e negro nas periferias, bem como estão presentes na criminalização e repressão em protestos. Tecnologias testadas antes sobre as “cobaias” palestinas por Israel, como se vê, em especial, nos bombardeios cotidianos à faixa de Gaza – esta semana houve mais um.

INIMIGOS DA CAUSA PALESTINA

O grave quadro de expansão colonial, que encontra expressão na anexação hoje anunciada, também deve ser creditado a outros inimigos clássicos da causa palestina, além do imperialismo e do sionismo: os regimes árabes (que têm ampliado a normalização com Israel) e a burguesia palestina. Uma nova classe capitalista surge após os desastrosos acordos de Oslo firmados em 1993 entre a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e o Estado sionista, sob intermediação dos Estados Unidos. Ali nasceu, como gerente

da ocupação, a Autoridade Palestina, com dependência econômica integral e cooperação de segurança com Israel para reprimir qualquer revolta palestina.

Baseada no tal “acordo do século”, a anexação que é, portanto, consequência da omissão ou da cumplicidade com a Nakba contínua traz entre seus pontos o não desmantelamento dos assentamentos ilegais israelenses, a anexação do Vale do Jordão – fundamental à sobrevivência dos palestinos, privando-os do direito à água –, a definição de Jerusalém como capital “indivisível” de Israel. O retorno dos 5 milhões de refugiados em campos nos países árabes e dos milhares na diáspora é definitivamente rifado. E os 1,5 milhão de palestinos que vivem sob 60 leis racistas nos territórios ocupados em 1948 (que hoje o mundo denomina Israel) estão ameaçados de expulsão, como indica o tal plano.

PAZ DOS CEMITÉRIOS

O acordo inclui ainda cooperação de segurança com Israel pela liderança do “futuro Estado palestino” – um conjunto de bantustões interligados por pontes, túneis e viadutos –, desmilitarizado e sem qualquer autonomia, que seria formado em quatro anos se os palestinos rezarem direitinho a cartilha do sionismo e imperialismo. Daí receberiam como prêmio, ao longo de dez anos, US\$ 50 bilhões para o desenvolvimento do microestado – em cerca de 15% da Palestina



veja no mapa o que é o acordo do século



Veja o que aconteceu com a palestina desde a ocupação colonial de Israel

histórica. De fato, em seu “acordo do século”, Trump busca concluir a série de capítulos das propostas do imperialismo e aliados à paz dos cemitérios – em outras palavras, sepultar a causa palestina.

PALESTINA LIVRE DO RIO AO MAR

Contra isso e todos os poderosos inimigos, busca-se reorganizar o movimento de libertação

nacional palestino junto a seus aliados – os oprimidos e explorados de todo o mundo. A resistência heroica se soma à solidariedade internacional, na certeza de que não é possível apagar da história aqueles que transformam seu sangue e suas lágrimas em fermento para a luta permanente. Até a Palestina livre, do rio ao mar.

ARGENTINA

Ato exige liberdade para Sebastián Romero

Um mês após sua prisão, no último dia 30 de junho, foi realizado atos pela Argentina pela exigir a libertação imediata de Sebastián Romero.

Sebastián é um perseguido político há 30 meses por ordem do então presidente Mauricio Macri e de sua ministra da Segurança, Patricia Bullrich. No dia 18 de dezembro de 2017, Romero participou de uma manifestação contra a reforma da previdência e, desde então, é

incansavelmente perseguido.

O governo Macri e a mídia tentaram demonizar todos protestaram contra a Reforma da Previdência Social.

Desde quinta-feira, 25 de junho, Sebastián está detido nas instalações da polícia federal em Lugano. Depois de ser extraditado do Uruguai. Sebastián hoje é um preso político, e a prisão de um lutador social tem por objetivo criminalizar as lutas operárias e populares.

Chamamos ao conjunto das organizações de direitos humanos, políticas e sociais que já se pronunciaram por sua liberdade, a redobrar seus esforços nessa exigência, solicitando ao Tribunal Federal nº 12, hoje a cargo do juiz Canicoba Corral e do Governo Nacional, sua imediata liberdade.

PARTICIPE DA CAMPANHA!



NONNONONO
ONONONON
ONONONO



ESCÂRNIO

A banalização do feminicídio

O ex-goleiro Bruno que ficou conhecido no país todo por ter assassinado brutalmente Eliza Samudio está fazendo publicidade em uma rede social. Recentemente ele postou uma foto posando com cachorros e agradeceu ao canil especializado no que, segundo

ele, é sua raça favorita de cães. Bruno foi condenado pelo crime horrendo, mas é um escárnio que ele esteja livre fazendo campanha para um canil. É a mais completa banalização do feminicídio

O corpo de Eliza Samudio foi ocultado em um sítio do

atleta e seus restos mortais para um cachorro.

O Brasil é o quinto país onde mais mulheres são agredidas e mortas. Quando se vê o goleiro Bruno fazendo impunemente propaganda de Canil, entende esses que esses números fazem sentido.

VÍRUS G4 EA

Uma nova pandemia a caminho?

Cientistas chineses identificaram um subtipo de vírus da gripe em porcos que apresenta potencial para gerar uma nova pandemia. O novo patógeno é variedade predominante do vírus influenza em fazendas de suínos na China desde 2016, e sua contenção, dizem os pesquisadores, requer medidas “urgentes”.

O novo vírus foi classificado com a sigla “G4 EA”, e é um derivado do H1N1, grupo de vírus do qual um outro subtipo causou a pandemia de gripe de 2009, que matou cerca de 250 mil pessoas no mundo.

O vírus já tem alta capacidade de infectar humanos. Em laboratório ele infectou bem células humanas cultivadas. Além disso, exames de anticorpos feitos em trabalhadores da indústria da carne suína mostraram que vários



deles já haviam sido infectados pelo vírus. De 338 operários que se submeteram ao teste, 10,4% apresentou anticorpos para o G4 EA. Entre os mais jovens, de 18 a 35 anos, a prevalência foi o dobro, de 20%.

A intensificação da pecuária industrial aumenta enormemente o risco de novas doenças. A criação de porcos e bois num espaço exíguo aumenta a transmissibilidade de doenças, e novas cepas de gripe muitas vezes vêm de suínos.

CINEMATECA

Uma ameaça contra a memória audiovisual do país



Em maio, circulou pelas redes sociais a carta intitulada “A Cinemateca pede socorro”, assinada por pessoas que tem seu nome fortemente vinculado à instituição, como a escritora Lygia Fagundes Telles. A carta denuncia a atual penúria da Cinemateca, que, no quinto mês de 2020, ainda não recebeu nenhuma parcela de sua já minguada verba anual de R\$ 12 milhões, expondo ainda o longo calvário pelo qual vem passando desde 2013, quando foi objeto de intervenção federal e perdeu sua autonomia administrativa após uma ação da então ministra da Cultura, Marta Suplicy.

Os funcionários da Cinemateca fizeram uma greve ano dia 12 de junho. Eles estão sem receber salários desde abril e sobrevivendo de “vaquinhas”.

Cinemateca tem como acervo aproximadamente 250 mil rolos de

filmes e um milhão de documentos, sujeitos deterioração, incêndios ou chuvas, que constituem o maior conjunto de memória audiovisual da América Latina. A história do cinema brasileiro está toda lá, desde o surgimento das primeiras imagens do final do século 19, até os dias de hoje.

A conservação de filmes exige formação técnica apropriada, mas há anos muitos profissionais deixaram de trabalhar na Cinemateca. A Cinemateca já passou por quatro incêndios ao longo de sua história. No último deles, em 2016, foram perdidos 1.003 rolos de filmes de nitrato, correspondentes a 731 títulos.

Uma tragédia ainda maior pode resultar no apagamento de significativo número de documentos audiovisuais da primeira metade do século passado, de coisas raras e difíceis de serem encontradas.

NUVEM DE GAFANHOTOS

Praga bíblica ou crise ambiental?

LENA SOUZA,
DE SÃO PAULO

Quando pensamos que não poderia piorar, a natureza nos dá outro recado. Uma nuvem de gafanhotos que se formou no Paraguai atravessou várias regiões da Argentina e ia rumo à fronteira do Brasil com o Uruguai. Não é a primeira este ano. Em fevereiro, a África sofreu as consequências do mesmo fenômeno.

Os religiosos, que já consideram o coronavírus um castigo, explicam a nuvem de gafanhotos como uma praga bíblica. Os negacionistas devem achar que não é mais que uma nuvenzinha. Contudo existe uma explicação científica re-

países como Quênia, Somália e Etiópia, que, como sabemos, já sofrem com a escassez de alimentos devido a vários outros eventos climáticos.

De acordo com o subsecretário-geral das Nações Unidas para Assuntos Humanitários: “Uma nuvem de gafanhoto de um quilômetro quadrado tem em média de 40 a 80 milhões de gafanhotos e pode consumir comida suficiente em um único dia para alimentar 35 mil pessoas. Estima-se que um enxame no nordeste do Quênia tenha até 2.400 quilômetros quadrados; portanto, se minha calculadora funcionar, tudo o que isso significa é que haveria entre cem e duzentos bilhões de



frequência e a magnitude das nuvens aumentaram nas últimas décadas e estabelecer as relações do aquecimento global com o fenômeno.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

No caso dessa região da África, as condições para o surto de nuvem de gafanhotos também estão relacionadas a eventos climáticos como período de secas, acompanhados de chuvas intensas que provocam inundações. Além disso, o aumento de temperatura nos oceanos também gera mais ciclones que criam a condição ideal para os gafanhotos.

A formação da nuvem está diretamente ligada às condições climáticas extremas, sendo que quanto mais seco e quente o clima, mais favorecimento para a ocorrência, e o aquecimento global pode fazer com que esses eventos aconteçam com mais frequência. Atualmente, deveria estar frio na parte sul do planeta. No entanto,

está quente e seco, o que favoreceu o surto no Paraguai e o deslocamento pelos demais países.

De acordo com o climatologista Carlos Nobre, os gafanhotos são insetos que vivem isolados, mas as mudanças no clima podem funcionar como um gatilho para que se agreguem. Ele continua: “As ondas de gafanhotos se formam após uma forte chuva, seguida por um período de calor, depois de uma estação muito seca. Com essa combinação de fatores, os gafanhotos começam a se reproduzir e migram de acordo com a direção do vento.”

É importante também dizer que, embora sejam chamados de praga, os gafanhotos são muito importantes para o equilíbrio ecológico. Eles são um dos principais insetos que transformam matéria em energia e, por sua vez, geram nutrientes para o solo pelas fezes, além de fornecerem energia para outros pre-

daadores que se alimentam dos próprios gafanhotos.

Como explica Leonardo Melgarejo, diretor da Associação Brasileira de Agroecologia, “o fenômeno é uma expressão do desequilíbrio ecológico que favorece esta grande população de insetos, associado ao sumiço dos chamados ‘controles naturais’, com a extinção ou a redução drástica das populações de pássaros, aranhas e pequenos roedores, como a mulita e as preás”.

Cabe destacar que o habitat desses animais está dando lugar aos projetos cada vez mais extensivos do agronegócio. “Todos comem gafanhotos e isso tudo está desaparecendo com o avanço da soja e das outras monoculturas extensivas. O uso de venenos que atacam algumas culturas também mata os predadores desses insetos”, argumenta Melgarejo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BITLY.COM/16MAE](https://bit.ly/16MAE)



lacionada ao aquecimento global. A praga é o capitalismo.

O FENÔMENO AUMENTA EM FREQUÊNCIA E MAGNITUDE

Essa não é a primeira praga de gafanhotos que acontece na terra. No final de 2019 e início de 2020, a praga (como é chamada) devastou plantações inteiras na África Oriental, passando por

gafanhotos nela, e eles devorariam comida suficiente para alimentar 84 milhões de pessoas em um único dia.”

Para os negacionistas, assim como no caso da pandemia, associar fenômenos como a nuvem de gafanhotos com a crise climática é criar pânico. No entanto, não é necessário ser especialista para ver que a

SISTEMA EXTERMINADOR

A praga é o capitalismo

O capitalismo é a praga tanto para os gafanhotos, pequenos seres da natureza que fazem parte de uma cadeia importante para o equilíbrio ecológico, quanto para os seres humanos, que temos a capacidade para a transformação. Se os gafanhotos não têm consciência e capacidade para entender que o capitalismo é seu inimigo, nós seres humanos temos.

No entanto, não são todos os seres humanos que enfrentam a fome e outras penúrias provocadas pelos fenômenos naturais,

consequência da degradação e da destruição da natureza que o capitalismo produz.

É a classe trabalhadora e os pobres do mundo que sofrem as consequências, e somos nós que podemos mudar essa situação. O capitalismo é um sistema que não serve aos seres humanos e à natureza, da qual dependemos para sobreviver. Ele tem de ser destruído e substituído por um sistema que crie condições para a igualdade e a liberdade do ser humano e que também crie as condições para que tenhamos

uma relação de equilíbrio com a natureza.

Se tínhamos dúvida de que a crise ambiental também é provocada por esse sistema, as evidências estão cada vez mais à nossa vista. Antes que esse sistema e a classe que o defende acabem com a gente e com a natureza, temos de nos organizar e estudar sobre a sociedade socialista. Nossa organização como classe e a construção da sociedade socialista será o inseticida que acabará com a praga do capitalismo.

